

BRAZ, Camilo. *À meia-luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: Editora UFG, 2012, 208p.

FERNANDO RAMÍREZ ARCOS

Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colombia

DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v23i23p321-324

O livro de Camilo Braz pertence a uma série de investigações sobre sexualidade e sexo, as quais datam desde as primeiras e mais clássicas etnografias da antropologia e da sociologia. O sexo tem sido um tópico presente nas narrativas das culturas indígenas, mas sua forma de narrá-lo e analisá-lo exotiza e diferencia essas sexualidades a partir de um modelo social moderno, naturalizado e não problematizado. Nesse contexto, está coberto de concepções moralistas que avaliam vidas corretas reprodutivas e monogâmicas, e punem as que se “desviam” dos limites do “normal”, inclusive nas mesmas sociedades ocidentais.

Algumas dessas práticas sexuais “desviadas” são o alvo da pesquisa de doutorado em ciências sociais do autor. Ela analisa as articulações sociais, econômicas e culturais dos clubes de sexo masculinos na cidade de São Paulo, que permitem encontros sexuais públicos e grupais entre homens. Baseia-se em três apostas teóricas e metodológicas: contribui aos estudos sobre erotismo, prazer e desejos sexuais; dialoga com novas formas de erotismo em um mercado global e transnacional, e participa nos debates sobre homossexualidade e masculinidade. Cada uma dessas apostas é desenvolvida com rigor, destreza e sensibilidade ao longo do texto.

O livro é apresentado por Júlio Assis Simões, pesquisador e professor da Universidade de São

Paulo, e está composto de uma introdução e cinco capítulos. Na primeira parte, traz à tona indagações preliminares de Braz sobre seus possíveis lugares de trabalho de campo, a escolher entre saunas, cinemas pornô e clubes de sexo, todos eles descritos como locais comerciais para encontros sexuais (LCES): lugares mais “privados” que cobram um valor de entrada. Seu interesse é a relação entre sexualidade, mercado e convenções de gênero, pelo que decidiu dedicar-se aos clubes, onde poderia observar citações performativas dos *leather sex clubs* dos Estados Unidos e da Europa, que começaram se firmar nos espaços urbanos dos anos 1970 e 1980, depois da explosão pública dos ativismos gay e lésbicos nesses países. Citações que são espaciais, de consumo e de construção de subjetividades masculinas, enquanto posicionam e hierarquizam sujeitos.

Para entrar e participar dos clubes de sexo masculinos paulistanos, os sujeitos devem cumprir uma série de requisitos de gênero, idade (maior de 18 anos), aparência e comportamento, assim como desnudar-se parcial ou totalmente. Estes LCES são tentativas de estabelecer espaços comerciais de divertimento sexual mais arriscados e desinibidos, herdando uma história de experimentações sexuais e corporais referidos ao sadomasoquismo, *fist-fucking* e sexo grupal, entre outros. Mas a possibilidade de encontros sexuais não convencionais constrói um espaço ambíguo de controle e

transgressão em constante tensão. Por um lado, os donos e administradores procuram recuperar e aumentar o capital investido, prometendo o cumprimento de fantasias e fetiches. Os corpos nus dos clientes são bens em transação: eles são consumidores desses outros corpos, ao mesmo tempo em que são as mercadorias a consumir. Corpos mercantilizados que fazem parte de um governo sexual do consumo. Por outro lado, essas experimentações podem ser interpretadas como deslocamentos de significação corporais, sexuais e culturais sobre o prazer. Os deslocamentos revelam relações de poder e estruturas coercitivas sobre a sexualidade, enquanto apoiam outras maneiras de desejar e sentir prazer. O autor enfatiza na necessidade de posicionar outro ponto de vista sobre o mercado além das restrições: ele também possibilita e autoriza experimentar.

Com um leque de possibilidades para pesquisar, o autor decide-se pelos clubes de sexo masculino, depois de algumas observações livres iniciais e de começar procurando colaboradores por meio de um perfil criado no site virtual Orkut. Essa primeira inserção no campo dos lugares lhe permite ser objeto de múltiplas perguntas que estiveram presentes em seu trabalho de campo, perguntas dirigidas às “verdadeiras” intenções dele em fazer a pesquisa. O autor nomeia como foi interpelado sobre a razão principal de seu interesse acadêmico; interpelação que persegue quem tem pesquisado lugares de encontros sexuais entre homens. Sempre existe esse halo de ceticismo, que Braz traz à tona para analisar o porquê dele, como uma forma de problematizar o que ele esplendidamente chama “etnografias impróprias”.

Segundo o autor, uma etnografia é imprópria pelo seu trabalho de campo, onde devia ficar (semi)nu e observar outras pessoas fazerem sexo, e pela indesejabilidade do sexo como tópico legítimo de estudo. A impropriedade

da pesquisa questiona a objetividade do fazer antropológico, a produção e hierarquização do conhecimento, a autoridade de quem etnografa, e a “necessidade” do distanciamento no campo. A ansiedade dos outros nas perguntas sobre a identidade sexual ou se ele fazia sexo com outros sujeitos nos LCES, é o ponto de partida para falar sobre como os/as antropólogos/as devem ocultar ou eliminar os possíveis envolvimento afetivos e sexuais com seus/suas colaboradores/as. Essa desconfiança e esses silêncios sobre os erotismos em campo devem ser problematizados teórica e metodologicamente. Como argumenta, sua participação em campo estava além de praticar sexo ou não, porque sua presença já era uma forma de se engajar com diálogos, desejos, trocas e conversações nos lugares. A etnografia imprópria do livro, a meu ver, é uma aposta política mesmo, especialmente quando ele está o tempo todo na escrita, partindo desde um “eu” visível que lia os outros e que era lido por eles, julgado pelo corpo, pela sua presença e/ou pelo que ele fazia ou não.

O capítulo dois trata-se da genealogia das convenções dos *leather sex clubs* e como eles “viajaram” ao Brasil na última década do século XX. O autor traça a história deles com os primeiros estabelecimentos comerciais voltados a um público fetiche do couro nos Estados Unidos, na época da “liberação sexual” logo da revolta em Stonewall Inn, em 1969. Essa sensação de “liberdade” tem a ver com a noção naturalizada de uma força sexual que tem sido sempre reprimida e que agora deve ser “liberada”. Mas a presença desses lugares, que começaram fazer parte de um novo mercado “gay”, tem suas reminiscências das representações viris nos anos 1920-1940, com a disseminação de estereótipos masculinos homoeróticos dos marinheiros, oficiais e outra classe de trabalhos que precisam de força e dureza corporal. Os músculos grandes tornaram-se desejo sexual

para outros homens, o que foi ainda mais notório com a moda das roupas de couro. Nessas representações têm destaque os quadrinhos de Tom da Finlândia, quem retratava suas próprias experiências e fantasias com soldados, caubóis e policiais. Assim, uma performatividade hipermasculina faria conexão com práticas “dissidentes”, reivindicada e reapropriada em cenas do BDSM nos primeiros clubes de sexo em cidades estadunidenses e europeias, como o Hellfire Club em Chicago, o Catacombs em São Francisco e o Connection em Berlim.

As convenções dos lugares viajaram a outros contextos para serem apropriados de acordo com cenas culturais locais. No capítulo três, o autor localiza a chegada dessas convenções ao Brasil e como elas foram adaptadas em um momento político e econômico de ativismo sexual de alta relevância no país. Os clubes de sexo masculino aparecem depois das reuniões de sujeitos interessados em sexo grupal, que se conheceram na Internet em meados dos anos 1990. Nesse momento, a rede global virtual e o mercado nascente GLS estavam se popularizando, os quais permitiram estabelecer contatos entre futuros e potenciais clientes. Alguns deles traziam ideais do exterior para tentar adaptar os *sex clubs* ao Brasil, onde as pessoas pudessem misturar baile, ócio e sexo. Em consequência, nascem os clubes Station Video Bar, SoGo, Blackout, RG, No Escuro e Gladiators, alguns deles ainda ativos. O autor detalha cada um com muita habilidade, especialmente baseando-se em suas próprias experiências, com notas de campo que descrevem suas impressões do que estava olhando. Na realidade, um dos máximos aportes do livro é a mistura de diversos estilos de escrita, entre teoria e narrativa etnográfica, o qual enriquece o texto.

Os clubes de sexo atuais se distanciam dos LCES mais tradicionais. Os donos se identificam com a modernidade, o qual se traduz ao

público que eles esperam nos lugares: homens de mente aberta e que sabem o que quer. Uma constituição de subjetividades hipermasculinas, que espera que um “homem de verdade” pode ser bem resolvido ao ficar nu e fazer sexo na frente dos outros sem vergonha. Essa diferenciação será ainda mais desenvolvida no capítulo quatro, em que o autor se concentra nas falas com os usuários dos clubes. Ele mantém as descrições e percepções deles, sem suprimir a linguagem popular que descreve os parceiros conforme referências de gênero, classe social, raça/cor da pele e idade. Palavras populares, algumas preconceituosas, que dão visibilidade aos sentidos dos marcadores sociais de diferença.

Tem aí também destaque a cena *leather*, associada ao fetiche e ao BDSM, como uma “atitude liberal contracultural”. Nos clubes se joga com os limites do inteligível, com significados sexuais “transgressores” produto dessas práticas de “sexo duro”. Mas eles são subversivos mesmo? No capítulo cinco, o autor analisa os excessos sexuais, que poderiam dar impressões de uma transgressão do compreensível. Mas o excessivo é controlado, ou em suas palavras, existe um “descontrole controlado”. Os marcadores sociais de diferença criam ao mesmo tempo em que posicionam, subordinam e controlam simbolicamente os sujeitos que vão aos clubes. Tanto os lugares quanto os sujeitos são alvo de adjetivos que os hierarquizam em uma trilha de significações sobre o que está permitido e é desejado. A raça/cor, a idade, a virilidade, a atitude, são muito importantes na configuração de corpos “atrativos”, nos corpos que importam, esteticamente funcionais aos padrões hegemônicos de beleza. Nesses casos, os “excessos” de peso corporal ou idade são valorizados de acordo com parâmetros normativos, que indicam que é normal e que é desviado.

O mesmo se aplica no uso de drogas recreativas, da camisinha e da ingestão do álcool. Essas

práticas são vigiadas pelos mesmos sujeitos, o que possibilita um descontrole possível, compreensível e legítimo. Então, os excessos corporais, de drogas ou de práticas como o *fist-fucking* e o sadomasoquismo, moram em um espaço ambivalente, entre o que é considerado normativo e transgressivo. Um espaço limite da sexualidade que permite deslocamentos performativos de gênero, mas também governa o “incompreensível” segundo normas viáveis do mercado erótico.

O livro de Camilo Braz é muito arrojado. Etnografar sexo e fazer dele uma pesquisa de doutorado não é fácil. Mas além de contribuir aos estudos de erotismo, da masculinidade e homossexualidade, e da relação deles com o mercado, a pesquisa abre questionamentos para se pensar, em minha opinião, quatro eixos de análise: primeiro, a constituição de mercados de prazer sexual masculinos, que são multiescalares, tanto global quanto regional, nacional, local e virtual. Seria interessante analisar estas conexões simultâneas, os significados que circulam entre eles, as diferenças locais e as articulações com bens de consumo como a pornografia gay *bareback* (cada vez mais comum). Outro eixo tem a ver com as novas políticas transnacionais sobre a punição de práticas sexuais como a pedofilia, a prostituição e a perseguição e fechamento dos LCES em cidades como Nova Iorque. Nesse caso, as

vozes dos principais afetados são excluídas dos debates públicos, além de serem vitimizados e silenciados. Falar de sexo desde uma distância moral obvia os múltiplos atores e agências marginalizados por instâncias de poder. Um terceiro eixo se dirige a legitimidade da sexualidade em geral, e do sexo em particular, como tópicos de destaque. A produção de conhecimento deve ser interpelada por suas lógicas masculinas e discriminatórias sobre os saberes não autorizados, os quais alcançam ao/à mesmo/a pesquisador/a. Uma pesquisa sobre sexo, e mais do sexo entre homens, em público e grupal, provoca comoções disciplinares. Um último eixo aponta à corporalidade do/a etnógrafo/a como meio de conhecimento do campo. As sensações, os afetos, as interpelações, as (in)comodidades são regularmente obviadas no produto final da pesquisa. Mas a forma de estar em campo, em especial em contextos sexuais, deve ser parte essencial da etnografia, de como somos autorizados para olhar, ouvir, sentir, e como isso se traduz em saberes parciais e situados.

Deve-se destacar o livro de Camilo Braz como uma importante contribuição, não somente para os estudos de gênero e sexualidade no Brasil, mas também para os estudos antropológicos e das ciências sociais sobre práticas sexuais em geral.

autor

Fernando Ramírez Arcos

Mestre em Estudos Culturais, Universidade Nacional da Colômbia

Recebido em 01/09/2014

Aceito para publicação em 8/12/2014